

Como se representa um trauma histórico: reflexões sobre a escravidão na teledramaturgia brasileira ¹

Rhayller PEIXOTO²

Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Resumo

O trabalho, parte da tese de doutorado “Como se representa um trauma histórico: a escravidão na teledramaturgia da Rede Manchete (1983-1999)”, traz reflexões sobre a representação do negro na teledramaturgia brasileira. Reforçamos ser a escravidão a gênese que norteia o viés representativo de afrobrasileiros, com enfoque em duas telenovelas: *O Direito de Nascer* (TUPI, 1964) e *Escrava Isaura* (TV Globo, 1976). O discurso de integração nacional promovido pela ditadura militar e o sucesso de *Mamãe Dolores*, a ama negra interpretada por Isaura Bruno, colocam a personagem no centro de uma discussão sobre a integração do negro na sociedade pós-escravista. Na década seguinte, a escravidão torna-se trauma em *Escrava Isaura* dando uma nova roupagem à dor dos escravizados a partir de uma heroína branca.

Palavra-chave: Televisão; Escravidão; Trauma; *O Direito de Nascer*; *Escrava Isaura*;

Como se representa um trauma histórico: reflexões sobre a escravidão na teledramaturgia brasileira apresenta duas telenovelas, *O Direito de Nascer* e *Escrava Isaura*, em seus contextos, para discutir a disputa pela memória da escravidão e em como ela se apresenta em 1964 e 1976, respectivamente. Primeiro, temos a perspectiva de diferentes pensadores em torno do fenômeno da memória para trazer para o campo da comunicação as inquietações que nos fizeram refletir sobre a temática. É na aliança entre memória e trauma que a questão negra se desenvolve na telenovela brasileira, considerando que a nação insiste em se inscrever – ainda que se negue a isso, a partir da dramaturgia (Néia, 2023). Deste modo, um olhar atento para as produções veiculadas na TV brasileiras traz perspectivas importantes para o entendimento do social, neste caso, a partir da memória da escravidão nas duas tramas.

Halbwachs (1996) traz um panorama de coletivização da memória que auxilia o percurso. Em suas constatações, até mesmo a memória individual é influenciada pelo

¹ Trabalho apresentado no GP Estudos de Televisão, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando em Comunicação e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. E-mail: rhayllerpeixoto@gmail.com.

meio social para se formar, incluindo os métodos de lembrança. Nessa perspectiva, Jô Gondar (2016) apresenta a memória social como campo de disputas, uma interessante contribuição para esse trabalho. Quais embates existem na memória da escravidão na televisão? Sob quais métodos a relação senhor-escravo é apresentada em *O Direito de Nascer*? É possível pensar que essa relação se estabelece em um contexto pós-escravização? Na década seguinte com uma mocinha escravizada e branca, *Escrava Isaura* transforma o jugo do escravizado na luta em uma luta internacional e se torna heroína. De acordo com Jeffrey Alexander, o trauma coletivo é a “profanação de um lugar sagrado” (ALEXANDER, 2012, p.20). Se tratando de Isaura, a liberdade torna-se algo questionado a partir do momento em que se torna escravizada. A tese, apesar do foco na Rede Manchete, retoma o início das telenovelas diárias e a inserção do negro nesse mercado com o objetivo de entender qual seu papel na integração nacional. Para isso, foram consultados os acervos do Jornal do Brasil, O Globo, Folha de S. Paulo, O Estado de S. Paulo e a Revista Manchete com os marcadores “Mamãe Dolores” e “Escrava Isaura”. Neste resumo, no entanto, não é possível trazer todo o material referente à pesquisa, nos condicionando às reflexões surgidas na consulta ao material e sua relação com a temática do Grupo de Trabalho.

Mamãe Dolores e o lugar do negro na integração nacional em *O Direito de Nascer* (1964)

O primeiro ano da ditadura civil-militar foi marcado também pelo início, ao menos institucionalmente falando, das promoções de um Brasil unificado no qual a televisão teve um grande papel, sobretudo pelo interesse dos militares na televisão (Hamburger, 2011). *O Direito de Nascer* conseguiu atrair a atenção do público de forma a fidelizar a audiência na telenovela e atribuir ao produto um outro patamar na casa dos brasileiros. Há de se considerar duas questões em seu contexto: a necessidade de unificar um país que acabara de passar por um golpe civil-militar e a busca por alocar personagens importantes da construção Brasil à luz daquela que viria a ser seu principal produto no passar dos anos: a telenovela. Outras questões apontadas por Joel Zito Araújo (2004) nos são valiosas para pensar relação entre o negro e a telenovela: a persistência de um ideal branco como padrão estético e o modo com que personagens negros se inserem nas telenovelas, quase sempre em um viés de subserviência.

Portanto, quando falamos de integração do negro na sociedade de classes a partir da televisão, é importante que Mamãe Dolores, a ama negra interpretada por Isaura

Bruno, seja enxergada como gênese, não por abarcar em si todos os estereótipos, nocivos ou não, à população negra, mas porque é a partir de si que as ausências são sentidas e percebidas no seio familiar. Sua chegada à televisão em um período de transformações significativas na política nacional aponta para um país tinha como emblema o desenvolvimento “de acordo com uma noção de modernização centrada no consumo e não na afirmação da cidadania, se reconheceu na tela da TV em um universo branco e glamouroso” (Hamburguer, 2011, p. 84).

O lugar da empregada é a alocação proposta para a mulher negra na família brasileira que se buscava consolidar. Essas são as ausências e presenças sentidas em um momento-chave em que as consequências das relações sociais pós-escravistas aparecem na televisão brasileira. Os anos seguintes consolidaram o papel dos negros enquanto subalternos, mas em 1976 a condição de escravizado passou institucionalmente por uma censura. Curiosamente, esse escravizado não era negro.

A Escravidão como Trauma em *Escrava Isaura* (1976)

É *Escrava Isaura*, novela cuja heroína foi interpretada por Lucélia Santos, por sua inserção nas agendas da censura brasileira e apelo ao redor do mundo, que tensiona a noção da escravização como trauma nas telenovelas. Guilherme Fernandes (2018), ao analisar a mentalidade censória da ditadura em *Valores da censura às diversões públicas repassados às telenovelas Deus, Pátria e Família*”, reitera o poder de coerção a partir dos pareceres do regime militar. Nesse contexto, qualquer questão que atrapalhasse o projeto de nação e seus pilares, a família e a religião, eram considerados subversivos. Segundo o autor, a temática racial já havia sido tema de um dos pareceres da censura, que analisou um capítulo de *O Homem que Deve Morrer*, de Janete Clair, exibida em 1971. No caso de *Escrava Isaura*, o autor Gilberto Braga foi por várias vezes advertido sobre o conteúdo da história. O que foi ao ar manteve as bases do romance de Bernardo Guimarães no qual a produção se inspirou, mas foi adequado às demandas da Censura. Em um dos episódios, a palavra “escravo” foi vetada de ser falada.

Gilberto foi convocado para esclarecimentos destinados a prevenir, nos capítulos subsequentes, outras implicações de ordem censória. Essa reunião, em Brasília, seria recriada muitos anos depois no último capítulo da minissérie *Anos Rebeldes* – Galeano (Pedro Cardoso) se tornara um autor de novelas e foi para Brasília discutir com os censores. Gilberto contou que uma censora chegou a ameaçar tirar *Escrava Isaura* do ar se ele insistisse em expor a realidade dos escravizados. “As pessoas podem fazer ilações com o mundo real”, ela argumentou. “O problema que a senhora tem é com a palavra escravo?”, perguntou Gilberto. “É. Isso é uma mancha na história do Brasil que deveria ser apagada”, ela respondeu. “Mas eu posso continuar a novela

sem usar a palavra escravo?”, questionou. “Pode”. Diz Gilberto: aí passei a escrever peças. Se um fazendeiro tinha que dizer que foi a um leilão e comprou oito escravos, dizia que ele comprou oito peças”. (Stycer e Xexéo, 2024, 124).

A passagem, uma das muitas em que a ditadura militar interferiu nas telenovelas no país, evidencia o cuidado da censura em definir o que era levado ao ar e, consequentemente, compreendido pelo público. As ilações com o mundo real do qual falam a censura trazem inquietações quanto ao tratamento de escravizados na televisão brasileira no em que momento isso passa a ser tratado como uma “mancha” na história do país, sobretudo quando uma novela trata de uma escrava branca é colocada nessa posição. *Escrava Isaura*, ao sofrer a dor de ser privada de sua liberdade, fez com que o Brasil – e por que não o mundo? – torcesse pela liberdade ao enxergar empatia em uma pessoa branca, diferente das que até então eram mostradas nos açoitos.

Isaura é, ao mesmo tempo um grito da democracia racial – pois até um branco pode ser escravizado – e a reiteração do papel do negro nas telenovelas sobre a escravidão nas primeiras décadas da televisão brasileira. Hamburger (2011) pontua que talvez o jornalismo e as adaptações literárias exibidas no horário das 18h, como *Helena e Escrava Isaura* da Globo tenham sido as melhores representações da integração nacional na ótica dos militares.

A partir da experiência da *Escrava Isaura* se pode perceber uma reorganização: a escravidão passa a ser entendida como uma ferida na nação, mas sempre colocada sob uma perspectiva branca de redenção. Neste caminho, as dinâmicas de produção da televisão (autores, diretores, faixa horária) o público e a imprensa mostram que “através do uso de narrativas descontínuas e fragmentadas, a *Escrava Isaura* chama a atenção para a história e reforça as noções míticas prevaletentes do Estado-nação.” (Halperin, 2020, p. 180). Portanto, ter *Escrava Isaura* como a grande heroína da escravidão na telenovela brasileira reforça que o drama de reconhecimento vivido pelos atores – e, por conseguinte, pelos telespectadores – negros desde *O Direito de Nascer* (Tupi, 1964) persiste na atualidade (Néia, 2023, p. 270). A afirmação não exclui as tensões existentes na produção nem busca enclausurar a telenovela em um lugar de boa ou má representação. Entendemos que refletir sobre Isaura e sua condição de heroína é um ponto válido para a memória da escravidão na televisão brasileira. Posteriormente, sobretudo nos anos 1980, houve transformações importantes na relação entre escravidão e teledramaturgia. Por ora, permaneceremos com essas duas novelas.

A televisão como documento histórico (Kornis, 1996) implica na compreensão desse lugar como formador das memórias sobre a escravidão, em constante disputa. Ao reiterar a dor branca na construção dessa memória que foi compartilhada internacionalmente, a teledramaturgia o faz a partir de suas bases. Neste pressuposto, mocinhas, heróis e vilões são comuns ao telespectador, que se compadece dos sofrimentos dos protagonistas quando a trama cumpre seu papel. Nossa proposta de reflexão aponta para como *O Direito de Nascer* pavimenta o lugar do negro nas telenovelas brasileiras por sua relevância histórica. Em 1964, quatro anos antes de Bráulio Pedroso e seu *Beto Rockfeller* ganharem o país com as tramas cotidianas, *O Direito de Nascer*, apesar de se passar em Havana e quarenta anos antes do momento em que foi exibida, já assimilava valores e comportamentos costumeiros da época. Na década seguinte, a experiência de *Escrava Isaura* na televisão brasileira demonstra o fascínio pelo branco enquanto reforça o lugar do negro na teledramaturgia, tudo isso sob o desígnio de uma integração nacional que dialoga com *O Direito de Nascer* e norteia, entre continuidades e rupturas, a situação do negro na teledramaturgia.

Referências

ALEXANDER, J. Trauma: A Social Theory. **Cambridge**. Polity: Press, June, 2012, 180p.

FERNANDES, G. M. Mentalidade Censória e Telenovela na Ditadura Militar 2018. 439f. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) – **Programa de Pós-graduação em Comunicação, Escola de Comunicação**, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

GONDAR, J. O. Cinco proposições sobre memória social. **Morpheus (UNIRIO. Online)** , v. 9, p. 19-40, 2016.

HALBWACHS, M. A Memória Coletiva. Rio de Janeiro: **Vértice**, 1996.

HAMBURGUER, E. Telenovelas e Interpretações do Brasil. **Lua Nova. Revista de Cultura e Política** , v. 82, p. 61-86, 2011.

ARAÚJO, Joel Zito. A negação do Brasil: o negro na telenovela brasileira. 2a Edição. São Paulo: **Ed. Senac**, 2004.

HALPERIN, P. (2020). Então ela é escrava? Escrava Isaura, história e identidade nacional. **Significação Revista De Cultura Audiovisual**, 47(53), 162-183. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-7114.sig.2020.155856>

KORNIS, M. A. Uma história do Brasil nas minisséries da Rede Globo. In: XX encontro anual da ANPOCS, 1996, **Caxambu**, 1996.

NÉIA, L. M.. Como a ficção televisiva moldou um país : uma história cultura da telenovela brasileira (1963 a 2020) / Lucas Martins Néia.– 1.ed. – São Paulo : **Estação das Letras e Cores**, 2023